

# Das comunidades nas redes sociais à comunidade humana

«“Somos membros uns dos outros” (Ef 4, 25). Das comunidades nas redes sociais à comunidade humana» é o tema proposto pelo Papa Francisco para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2019, celebrado no dia 2 de junho”.

01/06/2019

Queridos irmãos e irmãs!

Desde que se tornou possível dispor da internet, a Igreja tem sempre procurado promover o seu uso ao serviço do encontro entre as pessoas e da solidariedade entre todos. Com esta *Mensagem*, gostaria de vos convidar uma vez mais a refletir sobre o fundamento e a importância do nosso ser-em-relação e redescobrir, nos vastos desafios do panorama comunicativo atual, o desejo que o homem tem de não ficar encerrado na sua própria solidão.

### ***As metáforas da «rede» e da «comunidade»***

Hoje, o ambiente dos *mass-media* é tão omnipresente que se torna muito difícil separá-lo da esfera da vida quotidiana. A rede é um recurso do nosso tempo. Constitui uma fonte de conhecimentos e relações até há pouco impensáveis. Mas, considerando as profundas transformações que a tecnologia

imprimiu às lógicas da produção, circulação e fruição dos conteúdos, numerosos especialistas destacam também os riscos que ameaçam a busca e a partilha duma informação autêntica à escala global. É verdade que a internet constitui uma possibilidade extraordinária de acesso ao saber, mas também é certo que se revelou como um dos lugares mais expostos à desinformação e à distorção consciente e pilotada dos factos e relações interpessoais, a ponto de muitas vezes cair no descrédito.

Importa reconhecer que, por um lado, as redes sociais servem para nos conectarmos melhor, fazendo-nos encontrar e ajudar uns aos outros; mas, por outro, prestam-se também a um uso manipulador dos dados pessoais, visando obter vantagens no plano político ou económico, sem o respeito devido à pessoa e aos seus direitos. Entre os

mais jovens, as estatísticas revelam que um em cada quatro adolescentes está envolvido em episódios de *cyberbullying* [1].

Perante a complexidade deste cenário, pode ser útil voltar a refletir sobre a metáfora da *rede*, inicialmente proposta como fundamento da internet, para ajudar a redescobrir as suas potencialidades positivas. A figura da rede convida-nos a refletir sobre a multiplicidade de percursos e nós que asseguram a sua consistência sem que haja um centro, uma estrutura de tipo hierárquico, uma organização de tipo vertical. A rede funciona graças à participação de todos os elementos.

Transposta para a dimensão antropológica, a metáfora da rede lembra outra figura plena de significados: a *comunidade*. Uma comunidade é tanto mais forte

quanto mais coesa e solidária for, animada por sentimentos de confiança e empenhada em objetivos compartilháveis. Como rede solidária, a comunidade precisa da escuta recíproca e do diálogo, baseado no uso responsável da linguagem.

No cenário atual, é evidente que a *social network community* não é automaticamente sinónimo de comunidade. No melhor dos casos, as comunidades de redes sociais conseguem dar provas de coesão e solidariedade, mas frequentemente permanecem agregados apenas indivíduos que se reconhecem em torno de interesses ou argumentos caraterizados por vínculos frágeis. Além disso, a identidade nas redes sociais baseia-se muitas vezes na contraposição face ao outro, face à pessoa que não pertence ao grupo: este define-se mais a partir daquilo

que divide do que daquilo que une, dando espaço à suspeita e à explosão de todo o tipo de preconceitos (étnicos, sexuais, religiosos e outros). Esta tendência alimenta grupos que excluem a heterogeneidade, que favorecem, no próprio ambiente digital, um individualismo desenfreado, acabando às vezes por fomentar espirais de ódio. O que deveria ser uma janela aberta para o mundo converte-se numa vitrina onde se exibe o próprio narcisismo.

A rede constitui uma oportunidade para promover o encontro com os outros, mas pode também agravar o nosso autoisolamento, como uma teia de aranha capaz de capturar. Os adolescentes são os mais expostos à ilusão de que a *social web* satisfaz completamente no plano relacional, chegando-se assim ao perigoso fenómeno dos jovens que se convertem em «eremitas sociais», com o consequente risco de se

alhearem totalmente da sociedade. Esta dinâmica dramática manifesta uma grave rutura no tecido relacional da sociedade, uma laceração que não podemos ignorar.

Esta realidade multiforme e insidiosa coloca várias questões de caráter ético, social, jurídico, político, económico, e interpela também a Igreja. Cabe aos governos procurar as vias de regulamentação legal para salvar a visão originária duma rede livre, aberta e segura, mas todos nós temos a possibilidade e a responsabilidade de promover o seu uso positivo.

Naturalmente não basta multiplicar as conexões para que aumente a compreensão recíproca. Como reencontrar a verdadeira identidade comunitária sendo conscientes da responsabilidade que temos uns para com os outros também na rede *online*?

## «*Somos membros uns dos outros*»

Pode-se esboçar uma resposta a partir duma terceira metáfora, a *do corpo e dos membros*, usada por São Paulo para falar da relação de reciprocidade entre as pessoas, baseada num organismo que as une. «Por isso, renunciando à mentira, diga cada um a verdade ao seu próximo, pois somos membros uns dos outros» (*Ef 4, 25*). O facto de sermos *membros uns dos outros* é a motivação profunda a que recorre o Apóstolo para exortar a abandonar a mentira e a dizer a verdade: a obrigação de guardar a verdade nasce da exigência de não negar a mútua relação de comunhão. Com efeito, a verdade revela-se na comunhão. A mentira, pelo contrário, é recusa egoísta de reconhecer a própria pertença ao corpo; é recusa de se dar aos outros, perdendo assim o único caminho para se encontrar a si mesmo.

A metáfora do corpo e dos membros leva-nos a refletir sobre a nossa identidade, fundada sobre a comunhão e a alteridade. Como cristãos, todos nos reconhecemos como membros do único corpo cuja cabeça é Cristo. Isto ajuda-nos a não ver as pessoas como potenciais concorrentes, mas a considerar os próprios inimigos como pessoas. Já não tenho necessidade do adversário para me autodefinir, porque o olhar de inclusão, que aprendemos de Cristo, faz-nos descobrir a alteridade de um modo novo, ou seja, como parte integrante e condição da relação e da proximidade.

Esta capacidade de compreensão e de comunicação entre as pessoas humanas tem o seu fundamento na comunhão de amor entre as Pessoas divinas. Deus não é solidão, mas comunhão; é Amor e, consequentemente, comunicação, porque o amor sempre comunica;

mais ainda, comunica-se a si mesmo para encontrar o outro. Para comunicar connosco e Se comunicar a nós, Deus adapta-Se à nossa linguagem, estabelecendo na história um verdadeiro e próprio diálogo com a humanidade (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 2).

Em virtude de termos sido criados à imagem e semelhança de Deus, que é comunhão e comunicação-de-Si, trazemos sempre no coração a nostalgia de viver em comunhão, de pertencer a uma comunidade. Como afirma São Basílio, «nada é tão específico da nossa natureza como entrar em relação uns com os outros, ter necessidade uns dos outros»[2].

O contexto atual convida-nos a todos a investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade. Nós, os cristãos, somos especialmente chamados a

manifestar essa comunhão que define a nossa identidade de crentes. Efetivamente, a própria fé é uma relação, um encontro; e nós, sob o impulso do amor de Deus, podemos comunicar, acolher e compreender o dom do outro e corresponder-lhe.

É precisamente a comunhão à imagem da Trindade que distingue a pessoa do indivíduo. Da fé num Deus que é Trindade, segue-se que, para ser eu mesmo, preciso do outro. Só sou verdadeiramente humano, verdadeiramente pessoal, se me relacionar com os outros. Com efeito, o termo «pessoa» conota o ser humano como «rosto», voltado para o outro, que interage com os outros. A nossa vida cresce em humanidade ao passar do caráter individual ao caráter pessoal; o autêntico caminho de humanização vai do indivíduo que sente o outro como rival, para a pessoa que reconhece como companheiro de viagem.

## Do «like» ao «amen»

A imagem do corpo e dos membros recorda-nos que o uso das redes sociais é complementar do encontro em carne e osso, proporcionado através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro. Se a rede for usada como prolongamento ou espera de tal encontro, então não se atraiçoa a si mesma e permanece um recurso para a comunhão. Se uma família utiliza a rede para estar mais conectada e depois se encontra à mesa e se olha nos olhos, então é um recurso. Se uma comunidade eclesial coordena a sua atividade através da rede, para depois celebrar unida a Eucaristia, então é um recurso. Se a rede é uma oportunidade para me aproximar de casos e experiências de bondade ou de sofrimento fisicamente distantes de mim, para rezarmos juntos e, juntos, buscarmos

o bem na descoberta daquilo que nos une, então é um recurso.

Assim, podemos passar do diagnóstico à terapia: abrindo o caminho ao diálogo, ao encontro, ao sorriso, ao carinho... Esta é a rede que queremos: uma rede feita, não para capturar, mas para libertar, para fortalecer uma Comunhão de pessoas livres. A própria Igreja é uma rede tecida pela Comunhão Eucarística, onde a união não se baseia nos gostos [«*like*»], mas na verdade, no «*amen*» com que cada um adere ao Corpo de Cristo, acolhendo os outros.

*Vaticano, na Memória de São Francisco de Sales, 24 de janeiro de 2019.*

**Franciscus**

---

[1] Para circunscrever o fenómeno, será instituído um *Observatório internacional sobre cyberbullying*, com sede no Vaticano.

[2] *Grandes Regras*, III, 1: PG 31, 917. Cf. Bento XVI, Mensagem para o XLIII Dia Mundial das Comunicações Sociais (2009).

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana

---

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/papa-francisco-comunidades-redes-sociais-junho-2019/> (13/01/2026)